

opusdei.org

# Uma mentalidade universal

"Amar o pluralismo, na liberdade dos filhos de Deus, era para o Bem-aventurado Josemaría uma autêntica paixão."

10/01/2002

Amanhã, 9 de janeiro de 2002, celebrar-se-á o centenário do nascimento do bem-aventurado Josemaría Escrivá, fundador do Opus Dei, que, no último dia 20 de dezembro, foi considerado "figura eminente da Igreja no século XX", no

decreto de aprovação de um milagre a ele atribuído. Diante de uma ocasião tão significativa, vêm à minha memória algumas das lembranças que guardo da sua pessoa.

Recordo-me de uma fotografia sua que expressa, de uma maneira gráfica, um traço muito destacado da sua personalidade: a compreensão das pessoas, de qualquer condição e cultura. Nessa fotografia, Monsenhor Escrivá está de joelhos, diante de uma mulher índia, já de idade, talvez de ascendência asteca, que também permanece ajoelhada.

A cena aconteceu no México. Aquela mulher simples, que tinha ouvido falar da santidade do fundador do Opus Dei, quando o encontrou, imediatamente, sem dar tempo para a menor reação dos circunstantes, ajoelhou-se diante dele num gesto de agradecimento e respeito, e começou

a inclinar-se para lhe beijar os pés. Comovido com a simplicidade daquela camponesa índia, Mons. Escrivá exclamou: "isso não, minha filha, isso não", enquanto ele também se ia ajoelhando diante dela e, acrescentou: "Somos iguais, minha filha, somos filhos de Deus, com a diferença de que eu não sou senão um pobre pecador por quem é preciso rezar muito". Ninguém dizia uma palavra. Ninguém se mexia. Só se escutava a voz afabilíssima do fundador do Opus Deis, falando àquela anciã, que chorava mansamente. Quando se retirou, essa camponesa disse com a voz entrecortada pelos soluços: "Hoje foi o dia mais feliz da minha vida" (1).

Esse homem, de inteligência eminente, que dialogava assim com uma mulher índia, comunicava-se igualmente com um universitário negro do Quênia ou da Nigéria, ou trocava impressões com um

intelectual alemão. Era um homem de mentalidade aberta, de coração universal.

**Serenidade.** Viktor Frankl, um sucessor de Sigmund Freud na cátedra de psicopatologia da Universidade de Viena, de religião judaica, depois de um encontro com Monsenhor Escrivá, comentou: "O que me fascinou particularmente na sua pessoa foi acima de tudo a serenidade refrescante que dele emanava e que iluminava a conversa; depois, o ritmo inaudito com que o seu pensamento flui e, finalmente, a sua assombrosa capacidade de contato com os seus interlocutores" (2).

Esta qualidade de que fala Viktor Frankl era, singularmente, a capacidade de comunicação que lhe era peculiar com pessoas das mais diversas condições sociais, religiões, raças, línguas e profissões. Não era

apenas uma qualidade humana. Era aquele espírito católico - universal - que esteve sempre no âmago do espírito do Opus Dei e que permeava toda a personalidade do seu fundador.

Ele apaixonou-se pelo Brasil, entre outras coisas porque, tanto no Rio como em São Paulo, pôde relacionar-se com pessoas de raça negra, japonesa, chinesa, portuguesa, espanhola, polonesa... Esse caleidoscópio multicolor o enamorava.

Recordo-me que, falando a vários milhares de pessoas que enchiam um auditório em São Paulo, dizia que não tinha vindo ao Brasil ensinar nada. Que viera com os olhos e o coração abertos de par em par, para que entrassem por eles tantas coisas boas e ficassem no seu coração, a fim de que as pudesse levar pelo mundo dizendo que eram nossas, e que - por

serem nossas - eram cristãs,  
humanas e divinas.

Lembro-me, igualmente, de quando falou que no Brasil a primeira coisa que encontrou foi uma mãe grande, formosa, fecunda, terna, que abre os braços a todos sem distinção de línguas, de raças, de nações, e a todos chamava filhos. Que grande coisa é o Brasil, comentava. Depois falou da forma como nos tratávamos de uma maneira fraterna, e se sentiu emocionado...

Disse ainda que para ele o Brasil tinha os braços abertos a todo o mundo: que aqui não havia distinções, que poderíamos repetir as palavras da Escritura: "gentes de todos os povos encontram aqui a Pátria", que já se sentia brasileiro, e que se não tivesse a obrigação de residir em Roma residiria no Brasil.

O Opus Dei já nasceu com um espírito universal, católico. Um

índice disso é o de possuir uma marcante característica ecumênica. Já em 1950, quando nem sequer se sonhava com a abertura ecumênica que se operaria depois na Igreja a partir do Concílio Vaticano II, com a amplidão de afeto para com todas as pessoas que o caracteriza, o fundador conseguiu - com "filial braço-de-ferro" - que a Santa Sé admitisse como cooperadores do Opus Dei todo tipo de pessoas: protestantes, ortodoxos, judeus, muçulmanos e pagãos. Conversando um dia com João XXIII, comentava-lhe: "Santo Padre, na nossa Obra, todos os homens, católicos ou não, sempre encontram um ambiente amável: não aprendi o ecumenismo da Vossa Santidade"; e o Papa sorria, comprazido" (3).

Dada a falta de espaço, seria impossível mostrar um panorama completo do espírito universal do bem-aventurado Josemaría Escrivá.

No entanto, deveríamos, para terminar, sublinhar que fazia parte desta mentalidade universal - tanto no espírito do Opus Dei como no do seu fundador - um grande amor à liberdade pessoal e ao pluralismo. O fundador repetia que no Opus Dei há um pequeno denominador comum - a fé e a moral da Igreja - e um grande numerador diferente: o pensamento livre de cada pessoa.

**Liberdade.** Perante um grupo de estudantes, manifestou uma vez a sua admiração pelos românticos do século passado. "Tinham todo um sonho romântico, sacrificavam-se e lutavam por alcançar essa democracia com a qual sonhavam, e uma liberdade pessoal com responsabilidade pessoal.

"Assim é preciso amar a liberdade: com responsabilidade pessoal (...). Penso que sou o último romântico, porque amo a liberdade pessoal de

todos - a dos não católicos também (...). Amo a liberdade dos demais, a vossa, a do que passa agora mesmo pela estrada, porque se não a amasse não poderia defender a minha. (4)

"E esta mentalidade vos permitirá fugir de toda intolerância, de todo fanatismo - direi de modo positivo -, vos fará conviver em paz com todos os vossos concidadãos, e fomentar também a convivência nas diversas ordens da vida social... Não esqueçais que em assuntos temporais não há dogmas" (5).

Amar o pluralismo, na liberdade dos filhos de Deus, era para o bem-aventurado Josemaría Escrivá uma autêntica paixão. Isto permitia-lhe manter uma convivência com pessoas de todas as mentalidades - pagãos, ateus, comunistas... - sem afastar-se das suas próprias convicções. E esse espírito, inculcado nos que fazem parte do Opus Dei,

permite que mais de 80 mil pessoas de 87 nacionalidades dos cinco continentes, das mais diversas raças e culturas, com mentalidades tão diversas, vivam a unidade e a fraternidade em torno de um ideal comum.

1. Cfr. Bernal, S., "Perfil do Fundador do Opus Dei". Edit. Quadrante. São Paulo, 1978, pp. 203-204.

2. Bernal, S., o. c., p. 191.

3. Cfr. Vazquez de Prada, "O Fundador do Opus Dei", p. 309.

4. Josemaría Escrivá de Balaguer y la Universidad, EUNSA, Pamplona, pp. 275-276.

5. Citado em Aranda, A., "El bullir de la Sangre de Cristo", Edic. Rialp, Madri 2000, p. 276.

**D. Rafael Llano Cifuentes é bispo auxiliar do Rio de Janeiro**

D. Rafael Llano Cifuentes //  
Jornal do Commercio

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente de [https://  
opusdei.org/pt-br/article/uma-  
mentalidade-universal/](https://opusdei.org/pt-br/article/uma-mentalidade-universal/) (29/03/2026)